



Educação Patrimonial, metodologias ativas e tecnologia ceramista: uma experiência no Ensino de História e Ciências em Balneário Camboriú/SC

Isabella Cristina de Souza¹

Resumo: O presente trabalho compartilha uma experiência no Ensino de História e Ciências, desenvolvida na Escola Municipal Professor Antônio Lúcio, localizada no município de Balneário Camboriú/SC. Nas últimas décadas, Balneário Camboriú passou por vertiginosas transformações marcadas por uma acelerada verticalização. A cidade possui o metro quadrado mais caro do país, tornando a construção civil um dos pilares da sua economia. Dezenas de prédios são construídos anualmente e, neste cenário, a preservação do Patrimônio Cultural torna-se um desafio. Práticas de Educação Patrimonial no ambiente escolar são fundamentais para a conscientização e a criação de uma cultura de preservação, não apenas de um patrimônio edificado de origem e influência europeia, mas sobretudo de bens produzidos pelos povos originários que ocuparam a região. Pensando nisso, desenvolveu-se um projeto com os alunos do 6.º ano, que tem como objeto de reflexão a produção de cerâmica. Na aula de História, a cerâmica foi analisada em seus usos ao longo do tempo. Enquanto isso, no Laboratório de Ciências, os alunos tiveram a oportunidade de produzir suas peças cerâmicas, a partir dos conceitos de misturas. Após as aulas práticas e teóricas na escola, os estudantes visitaram o Museu de História Natural e Antropologia, no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, onde há um rico acervo arqueológico, com artefatos produzidos por diferentes comunidades que se estabeleceram na região. Por fim, os alunos compartilharam suas experiências em uma apresentação para os alunos do 1.º ano dos Anos Iniciais.

Palavras-chave: Aprendizagem; Misturas; Educação Patrimonial; Ensino de História; Ensino de Ciências; Cerâmica.

Introdução

O presente trabalho compartilha uma experiência no Ensino de História e Ciências, desenvolvida na Escola Municipal Professor Antônio Lúcio, localizada no município de Balneário Camboriú, no litoral norte de Santa Catarina². Considerado um dos principais destinos turísticos do sul do Brasil, Balneário Camboriú tem atraído turistas e veranistas desde o início do século XX. Nas últimas décadas, a cidade passou por profundas modificações em seu espaço, marcadas por uma vertiginosa verticalização. Atualmente, a cidade possui o metro quadrado mais caro do país e abriga torres residenciais de até 290

¹Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (UFSC), bacharela e licenciada em História (UFSC). Professora da Secretaria Municipal de Educação de Balneário Camboriú/SC.

²O projeto foi desenvolvido em parceria com o professor Silvaney Martins Sardinha, biólogo (UNIMAT) e mestre em biodiversidade (FURB), docente da Secretaria Municipal de Balneário Camboriú.



metros de altura. Essa valorização imobiliária é um processo histórico que teve início, especialmente, a partir da década de 1920, quando a praia passou a ser utilizada enquanto um local de lazer e descanso com a prática do veraneio. É especialmente em torno dos anos 1950 que as terras localizadas próximas à beira-mar tornaram-se uma mercadoria, com a realização dos primeiros loteamentos pela iniciativa privada (SOUZA, 2016, p. 48 e 49).

Neste contexto de intensas transformações urbanas e sociais, a preservação do Patrimônio Cultural torna-se um desafio. Como alerta a historiadora Mariana Schlickmann (2019, p. 142), em Balneário Camboriú “as edificações são derrubadas a todo momento para dar lugar a prédios luxuosos em transações comerciais altamente lucrativas, devido ao valor elevado do metro quadrado no município”. As iniciativas do poder público no sentido de preservar o Patrimônio Cultural municipal são tímidas e insuficientes. Para se ter uma ideia, há apenas dois bens tombados: a Igreja Santo Amaro, tombada em nível municipal, sob o Decreto nº. 1.977, de 11 de agosto de 1989, e em nível estadual sob o Decreto nº. 2.992, de 25 de junho de 1998; e a Igreja da Confissão Luterana ou Capela da Paz, tombada pelo decreto municipal nº. 2937 de 03 de fevereiro de 1998. Não há nenhum bem imaterial registrado.

Assim sendo, concordamos com Schlickmann (2019, p. 143), quando defende que práticas de Educação Patrimonial no ambiente escolar são fundamentais para a conscientização e a criação de uma cultura de preservação, não apenas de um patrimônio edificado de origem e influência europeia, mas sobretudo de bens produzidos pelos povos originários que ocuparam a região. Entendemos que a Educação Patrimonial, tal como sugere o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, “são todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação” (Florêncio et. al., 2014, p. 19).

É fundamental esclarecer que a ocupação da cidade por descendentes europeus, em especial luso-brasileiros, data do início do século XIX, nas margens da foz do Rio Camboriú (CORREA, 1985, p. 47). Porém, quando os primeiros homens brancos e de origem portuguesa chegaram na região de Balneário Camboriú, essas terras já eram habitadas. Um exemplo disso são os sepultamentos encontrados no sítio arqueológico escavado pelo Padre João Alfredo Rohr na década de 1970, na Praia de Laranjeiras. As escavações revelaram um sambaqui pequeno, de aproximadamente 3800 anos (MARQUES, 2017, p. 84), e uma ocupação ceramista

pré-colonial, cuja cronologia é datada entre 800 d.C. a 1300 d.C. (SCHMITZ e VERARDI, 1994, p. 91). É em torno da cultura material dessas sociedades que se desenvolveu um projeto com as turmas de 6.º ano, tendo como objeto de reflexão a produção de objetos de cerâmica. O objetivo da prática é reconhecer e refletir sobre a presença dos povos originários na constituição da cidade de Balneário Camboriú, e a importância do Patrimônio Cultural Arqueológico.

Além disso, o projeto visa aproximar dois componentes curriculares: História e Ciências. Através desta prática, buscou-se superar a visão fragmentada dos processos de produção e socialização dos conhecimentos. Como afirma Thiesen (2008, p. 542), a interdisciplinaridade surge de uma perspectiva de diálogo e da integração das ciências e do conhecimento, para romper com o caráter de hiperespecialização e com a fragmentação dos saberes. Assim, a produção de cerâmica foi analisada a partir de dois pontos de vista: na aula de História, enquanto uma fonte histórica; na aula de Ciências, enquanto uma mistura homogênea e heterogênea. Esses temas são apresentados na Base Nacional Comum Curricular enquanto objetos de conhecimento propostos para o 6.º ano dos anos finais.

A experiência aqui apresentada foi dividida em quatro etapas. Em todos os momentos, o protagonismo dos estudantes foi central, e os professores atuaram enquanto mediadores dos debates, reflexões e apropriações. Por considerarmos a participação efetiva dos alunos na construção de sua aprendizagem (BACICH, 2018, p. 15), o projeto insere-se em uma abordagem das chamadas metodologias ativas. Como afirma Moran (2018, p. 4), “as metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor”.

Na aula de História: a cerâmica ao longo do tempo

O projeto teve início na aula de História, onde a cerâmica foi observada em seus usos ao longo do tempo. Para tanto, a professora selecionou imagens de artefatos de cerâmica produzidos por diferentes sociedades no Brasil e no mundo. Para selecionar quais objetos seriam analisados, levou-se em consideração sociedades que seriam estudadas pelos estudantes ao longo do 6.º ano, temas previstos no currículo determinado pela Secretaria de

Educação da cidade. Assim, foram selecionadas imagens de objetos da Mesopotâmia, Egito Antigo, Grécia Antiga, Povos Marajoaras e Guarani:



Figura 1: Vasos canopos do Egito Antigo. Fonte: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/egito-antigo/arqegit008.html>



Figura 3: Escrita cuneiforme da Mesopotâmia. Fonte: <https://www.worldhistory.org/image/11165/epic-of-gilgamesh-tablet-from-hattusa/>



Figura 2: Tanga Marajoara. Fonte: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/arqbra008.html>



Figura 4: Cerâmica Tupi-Guarani. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_ind%C3%ADgena_brasileira#/media/File:Cer%C3%A2mica_Tupi-Guarani_5.jpg



Figura 5: Cerâmica da Grécia Antiga. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cer%C3%A2mica_da_Gr%C3%A9cia_Antiga#/media/Ficheiro:Kantharos_Louvre_CA1139.jpg

Ao apresentar as imagens, a professora informou apenas por quais sociedades os artefatos foram produzidos e quantos anos eles possuíam. Coletivamente e de forma oral, os alunos identificaram os aspectos formais das peças, como a cor, o tamanho e o formato. A seguir, a professora levantou as seguintes questões: para o que serviam esses objetos? Quais seus usos? Qual matéria-prima foi utilizada para produzir esses objetos? Os artefatos observados podem ser considerados fontes históricas? Quais informações sobre a sociedade que o produziu podem ser identificadas? Assim, em um processo dialógico, os estudantes elaboraram suas hipóteses coletivamente com a mediação do docente. No quadro, a professora registrou as respostas dos alunos em uma tabela, que foi construída coletivamente. Os alunos registraram a tabela em seus cadernos:

	Sociedade	Ano	Características formais	Usos	Matéria-prima	É uma fonte histórica?	Informações sobre o passado
Artefato 1							
Artefato 2							
Artefato 3							
Artefato 4							
Artefato 5							

Figura 6: Tabela de análise de fonte histórica. Fonte: Arquivo da autora.

A intenção, neste momento, é que os alunos observassem as peças de cerâmicas enquanto “fontes históricas”, ou seja, enquanto uma produção humana, que nos proporciona um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no presente (BARROS, 2012, p. 130).

Por último, foi questionado: como esses artefatos, tão antigos, foram encontrados? A partir desta questão, foi possível debater o que é a Arqueologia, como é realizada uma escavação arqueológica, e a importância dos artefatos arqueológicos para a construção do conhecimento histórico. Para tanto, a professora contou com o suporte de vídeos e imagens explicativas³. Vale mencionar que os vídeos e os debates realizados em sala tiveram o objetivo de apenas introduzir ao tema da Arqueologia. Não se constituiu objetivo do projeto aqui

³Os vídeos utilizados estão disponíveis no YouTube: [O que é Arqueologia? - YouTube](#); [Videoaula Arqueologia Ep.01 | O que é arqueologia? - YouTube](#); [Videoaula Arqueologia Ep. 02 | Por que a arqueologia é importante? - YouTube](#). Acessado dia 10 de outubro de 2023.



apresentado se debruçar sobre os mais variados aspectos e possibilidades da ciência arqueológica com os estudantes.

No Laboratório de Ciências: produzindo a peça cerâmica a partir do conceito de misturas

Após os debates realizados na aula de História, o projeto seguiu para o Laboratório de Ciências. Neste momento, o objetivo era observar e identificar os tipos misturas, diferenciando-as. Para Russel (1994, p. 27), o conceito de mistura consiste em duas ou mais substâncias fisicamente misturadas. As misturas são classificadas em homogêneas e heterogêneas. A mistura homogênea apresenta uma única fase e a mistura heterogênea duas ou mais fases. Apresentado o conceito, o professor lançou o seguinte questionamento: as peças de cerâmicas observadas nas aulas de História podem ser consideradas um tipo de mistura? Quais materiais foram utilizados? Levantadas as hipóteses, os alunos tiveram a oportunidade de produzir suas próprias peças cerâmicas.

Para tanto, os materiais utilizados foram: argila, cal e fibra vegetal (papel de rascunho picado com água). Cada aluno recebeu uma pequena quantidade desses ingredientes e misturou em uma vasilha. Depois, os alunos moldaram suas peças. Após a secagem da peça, os alunos pintaram seus artefatos com tintas de pigmentos naturais, utilizando carvão, cúrcuma, urucum, cola branca e água.



Figura 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13: Produção de cerâmica no Laboratório de Ciências, 2023. Fonte: Arquivo da autora.

Finalizado a produção de cerâmica, voltou-se à pergunta inicial: as peças de cerâmica analisadas na aula de História podem ser consideradas misturas? Por quê? Aqui os alunos conseguiram comprovar suas hipóteses de que, sim, as peças de cerâmicas são, além de fontes históricas, misturas.



No Museu: observando o patrimônio arqueológico

Após as aulas práticas e teóricas na escola, os estudantes visitaram o Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú. Esse complexo abriga um zoológico, o Museu de Antropologia e História Natural, o Museu Oceanográfico, o Museu de Taxidermia-SC, o Museu do Artesanato Catarinense e o Museu do Pescador. Levando em conta os propósitos do projeto, priorizamos a visitação no Museu de Antropologia e História Natural. Este foi o momento em que os alunos fizeram conexões entre o que foi desenvolvido na escola com a história da cidade, em especial, com relação à presença dos povos originários na constituição da cidade.



Imagem 14 e 15: Visita ao Museu de Antropologia e História Natural, Balneário Camboriú, 2023. Fonte: Arquivo da autora.

O Museu de Antropologia e História Natural exhibe vestígios líticos, cerâmicos e ósseos das populações pré-coloniais que viveram na Praia de Laranjeiras, em Balneário Camboriú. Trata-se do sítio arqueológico denominado Praia de Laranjeiras I e II, cujas escavações foram lideradas pelo Padre João Alfredo Rohr, entre 1977 e 1979. De acordo com Marques (2017, p. 17 e 18), o sítio Laranjeiras I é um sambaqui pequeno, de 3.800 anos, onde Rohr escavou 262 m², evidenciando 52 indivíduos sepultados. Já o sítio Laranjeiras II, do fim do primeiro

milênio de nossa era, foi escavado em 500 m². Foram ali recuperados 114 sepultamentos e mais de 5.500 fragmentos cerâmicos. No Museu em questão é possível observar 19 sepultamentos que correspondem a mais de 20 indivíduos, em posições variadas, sendo homens, mulheres e crianças. Estão expostos neste Museu, ainda, vários materiais arqueológicos advindos das escavações do sítio, como líticos, fragmentos cerâmicos, artefatos ósseos e material conchífero (MARQUES, 2017, p. 22).

Os antigos moradores do sítio denominado Laranjeiras II teriam vindo do planalto e seriam fisicamente semelhantes aos Kaingang, assim como seriam produtores de uma cerâmica denominada pelos arqueólogos de tradição Itararé (MARQUES, 2017, p. 97) A cerâmica associada à Tradição Itararé foi assim definida na arqueologia pela descoberta desse estilo ter sido no rio Itararé, na divisa dos estados do Paraná e São Paulo. Esse tipo de cerâmica, segundo a arqueóloga Roberta Marques (2017, p. 87), foi evidenciado em outros sítios arqueológicos do sul do Brasil, especialmente no planalto. Essa cerâmica possui características específicas como serem vasilhames de pequeno porte, de espessura fina (variando de 3 a 7 mm) e por não haver muita variação nas formas. A areia muito fina adicionada à cerâmica lhe proporciona um aspecto áspero ao toque e, a respeito da coloração das peças, predominam as cores vermelha-tijolo, cinza-escuro e cinza-claro.

Todas estas informações foram compartilhadas com os estudantes no momento da visita, que contou com a mediação da museóloga da instituição. Através da visita, foi possível refletir com os alunos que o território que hoje compreende a Balneário Camboriú era ocupado por vários povos originários, com distintas características e organização, muito antes da chegada dos luso-brasileiros. Novamente, retomamos o conceito de fontes históricas e debatemos quais informações sobre estas sociedades poderíamos identificar com os artefatos arqueológicos expostos no Museu, especialmente, as cerâmicas ali observadas.

Compartilhando a experiência

Para finalizar o projeto, os estudantes compartilharam suas experiências para os alunos do 1.º ano dos Anos Iniciais. Primeiro, organizamos os alunos em equipes de até cinco alunos. Depois, as equipes confeccionaram uma ficha de identificação das suas peças de cerâmica que foram produzidas no Laboratório de Ciências. Nesta ficha, foi descrito quais materiais foram utilizados, o nome da peça e do autor.

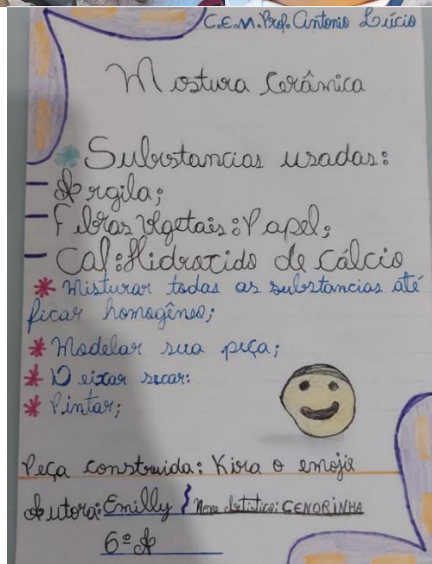


Imagem 16, 17 e 18: Produção da ficha de identificação da peça cerâmica, 2023. Fonte: Arquivo da autora.

Em seguida, as equipes organizaram as informações que seriam compartilhadas no momento da apresentação. Os temas selecionados pelas equipes foram: o que é cerâmica, quais os usos da cerâmica ao longo do tempo; por que a cerâmica é uma mistura e o que são misturas; a visita ao museu para observar objetos de cerâmica produzidos por diferentes sociedades no litoral catarinense e na cidade. A apresentação ocorreu no Laboratório de Ciências. Organizamos o Laboratório com as mesas formando “U”. As equipes ficaram sentadas atrás das mesas, e as turmas de 1.º ano passavam de mesa em mesa, onde ouviam as experiências dos alunos dos 6.º anos.



Imagem 19, 20 e 21: Compartilhando a experiência com a turma do 1.º ano, 2023. Fonte: Arquivo da autora.

Neste momento, os alunos tiveram a oportunidade de interpretar suas experiências e compartilhá-las. Esta etapa foi fundamental para avaliar se o projeto atingiu seu objetivo. Ao se organizarem para a apresentação, foi possível observar o quanto os alunos se apropriaram das práticas e dos conceitos desenvolvidos ao longo das aulas (fontes históricas, cerâmica, misturas, arqueologia). As equipes se organizaram rapidamente, e não identificamos dificuldade em sistematizar e dividir as informações que seriam compartilhadas com as turmas do 1.º ano.

Considerações finais

O projeto aqui apresentado buscou desenvolver, em todo o processo, a autonomia e protagonismo dos estudantes. Como afirma Moran (2018, p. 03), “ensinar e aprender tornam-se fascinantes quando se convertem em processos de pesquisa constantes, de questionamentos, de criação, de experimentação, de reflexão e de compartilhamento”. A sala de aula – e outros espaços educativos, como os museus – é um local privilegiado de cocriação, onde os estudantes e professores aprendem a partir de situações concretas, desafios, experiências, vivências, problemas, projetos, com os recursos que têm em mãos. “O importante é estimular a criatividade de cada um, a percepção de que todos podem evoluir como pesquisadores, descobridores, realizadores” (MORAN, 2018, p. 03).

Assim, defendemos que são esses princípios – autonomia, protagonismo do estudante, criatividade – que devem nortear os projetos de Educação Patrimonial e de História das cidades. Além disso, é importante, como sugere Florêncio (2014, p. 27),

partir das referências culturais locais para, por meio delas, acessar processos sociais e culturais mais amplos e abrangentes, em um registro no qual cada sujeito, com base em seu repertório de referências, possa compreender e refletir tanto sobre contextos inclusivos quanto sobre a diversidade cultural que o cerca.

Por fim, é importante destacar que a prática aqui proposta pode ser replicável em outros contextos educacionais. Primeiro, porque os materiais utilizados são simples, com custo baixo e fácil de encontrar: projetor de imagens ou impressão das imagens para o debate em sala de aula; argila, papel de rascunho, cal e água. Ainda que não exista um museu arqueológico ou exposição sobre o tema da cerâmica e dos povos originários para fazer visita na cidade ou região, é possível estabelecer relações com os povos originários ceramistas que ocuparam, praticamente, todo o território brasileiro, em sala de aula. Além disso, tanto o conceito de fontes históricas quanto de misturas, está previsto para o 6.º ano na Base Nacional Comum Curricular, parâmetro para os currículos escolares brasileiros.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, n. 12, mai/ago/2012, pp.129/159.

CORRÊA, Isaque Borba. **Camboriú e Balneário Camboriú: história de duas cidades**. Balneário Camboriú: Editora do autor, 1985.

FLORENCIO, Sonia et al. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: Iphan/ DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

MARQUES, Roberta Pôrto. **Os mortos e seus acompanhamentos no sítio arqueológico da Praia de Laranjeiras II: um estudo antropológico a partir de coleções museológicas**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2017.

RUSSEL, J. B. **Química Geral**. São Paulo: Makron Books, 2.ª edição, 1994.



SCHMITZ, Pedro I., VERARDI, Ivone. Antropologia da morte. Praia das Laranjeiras: um estudo de caso. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, 8 (1): 91-100, 1994.

SCHLICKMANN, Mariana. Os sentidos do patrimônio: história oral, edificações e modos de viver no Bairro da Barra, Balneário Camboriú/SC. **Faces da História**, Assis-SP, v.6, nº1, p.141-161, jan.-jun., 2019.

SOUZA, Isabella Cristina de. **Orla marítima de Balneário Camboriú: lugares urbanos e práticas sociais ao longo da segunda metade do século XX**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2016.

THIESSEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 39 set./dez. 2008.